

O GALLO

ANO XII - Nº 07 - ESPECIAL - Agosto, 2000 - NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA



Quem já viu, ouviu e dançou ao canto poderoso de Lia de Itamaracá, a mais famosa cirandeira do país, vai se emocionar com a entrevista que a jornalista Patrícia Rejane fez com a famosa artista pernambucana especialmente para esta edição de O GALLO. Lia revela que dança ciranda desde os 12 anos de idade na ilha a que associou o seu nome e fala de sua parceria com Teca Calazans, que resultou na composição da ciranda mais famosa, aquela que diz: «*Esta ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha, de Itamaracá*». Agora, a cirandeira dá início a uma nova etapa na sua carreira, com o lançamento do CD «*Eu sou Lia, Lia de Itamaracá*», e já se prepara para lançar um segundo CD, na carona do sucesso do primeiro.

VI Encontro de Cultura Popular

A tradição do povo

A já tradicional Semana de Cultura Popular, que a Fundação José Augusto, através do Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine - CEPEJUL, promove há seis anos, é um pretexto para que a arte de raiz suba ao palco do Teatro Alberto Maranhão, a partir deste 18 de agosto. São personalidades emblemáticas da cultura popular de vários pontos do Nordeste, com destaque para alguns nomes locais. É o que mostra esta edição especial de O GALO, cujo roteiro de matérias foi orientado pelo coordenador do CEPEJUL, Dácio Galvão.

À guisa de introdução geral à festa (a alegria é uma das principais características dos folguedos folclóricos) o pesquisador Severino Vicente, da FJA, tece algumas considerações sobre o folclore enquanto ciência do povo, cujo mestre maior é Luís da Câmara Cascudo. A dança do espontão, uma manifestação popular que remonta à Idade Média, é resgatada pelos Negros do Rosário, de Caicó, com indumentária típica e movimentos de grande efeito visual e plástico.

Desde a denominação de suas duas grandes avenidas - Chegança e Pastoril - o bairro de Nova Natal tem tudo a ver com a cultura popular. É o que mostra a reportagem iniciada na página 7, lembrando alguns dos personagens que deram nome e fama ao bairro. Com esse mesmo espírito, O GALO reivindica o reconhecimento de José André Sobrinho, o André da rabeça, como artista eminentemente popular, sempre visível em alguma rua da cidade, mas que é, hoje, habitué de uma sorveteria localizada na avenida Prudente de Moraes.

Os Caboclinhos de Ceará-Mirim marcam presença nesta edição, com seus instrumentos primitivos, rostos pintados a açafreão e seus trajes de cores berrantes, traços que remontam aos indígenas potiguares, sob a batuta do mestre José Anísio Silva.

O poeta romântico Xexéu, parceiro de patativa do Assaré, Chico Traíra e Antônio Dias, fala com exclusividade à reportagem de O GALO.

Dentro da VI Semana de Cultura Popular são lançados mais dez novos títulos da coleção «Chico Traíra», da Fundação José Augusto.

Outro momento especial da VI Semana será o bumba-meu-boi de Axixá, grupo maranhense que sem dúvida agrada ao público norte-rio-grandense.

Atenciosamente,
O Editor

Índice

3 A importância do folclore para a cultura popular - Severino Vicente



5- A dança do Espontão

7 - As ruas e avenidas de Nova Natal

11 - André resiste em sua rabeça



12 - ENTREVISTA
a Rainha da Ciranda

14 - Caboclinhos

16 - Xexéu, um canto ao amor à vida

18 - A literatura de cordel
no VI Encontro de Cultura

22 - Axixá em Natal

23 - Programação

24 - Fandango ou Chegança
- No traço de Dorian Gray

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Jailton Fonseca
Produção

Coordenação VI Encontro: Dácio Galvão

Colaboraram nesta edição: Patrícia Rejane Lopes Diniz (redação)
e Candinha Bezerra (fotografias)

Redação: Rua Jundiá, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023
- Telefax (084) 221-0342. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

E-mail do editor: nelson@digicom.br

2

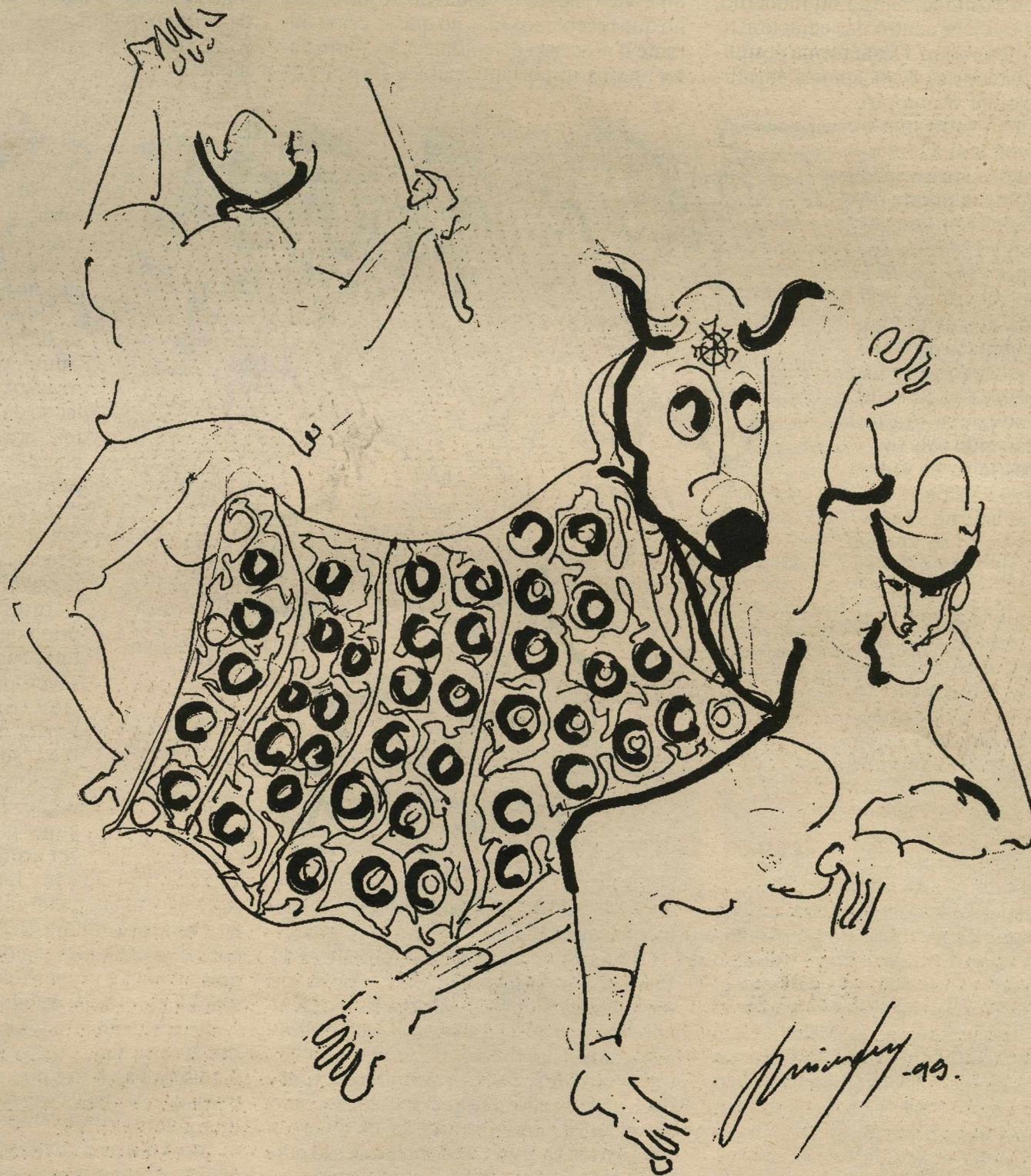
A importância do folclore para a cultura popular

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000



3

A cultura popular não tem idade, existe a séculos e séculos amém. É transmitida pela tradição oral e conservada pelos costumes. É milenar e ao mesmo tempo contemporâneo, porque são os hábitos e costumes do povo.

Entretanto, foi criada uma palavra para formalizar, ordenar e sistematizar as tradições populares; esta palavra é denominada de FOLCLORE. - FOLK: povo, nação e família, - LORE: instrução, conhecimento e sabedoria. - saber que sabe.

Contemporaneidade, tradição do conhecimento, afirma Luís da Câmara Cascudo.

Um arqueólogo inglês, William John Thomas usando o pseudônimo de "Ambrose Merton" publicou pela primeira vez na revista "The Athaeneum" a 22 de

agosto de 1846, um trabalho em que a sabedoria do povo se tornava universal e comum através deste vocabulo: FOLKLORE.

As civilizações mais antigas, desenvolvidas às margens dos rios ou nas proximidades dos mares, sem falar nas grandes civilizações clássicas e orientais tiveram seu folclore; por isso, mais uma vez tinha razão o mestre da Junqueira Aires: “dispensável é qualquer discussão sobre a permanência desse patrimônio milenar, universal e comum, baseado na sabedoria popular”.

O folclore é o diário, o natural, o uso, o emprego, o costume, antigo ou moderno, desde que estejam dentro das características que o motivaram. Desta forma pesquisadores e folcloristas são unânimes em afirmar: o folclore é o popular, mas nem tudo que é popular é folclore. É preciso que o fato, o ato e a ação seja antigo na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento, persistente e insistir no repertório oral ou hábitos normais. Que apresente omissão do nome próprio, localização geográfica e datas fixadoras do episódio no tempo. Assim ficou esclarecido pela sociedade brasileira de folclore em 1941. 10 anos depois, respaldado no “I congresso brasileiro do folclore no Rio de Janeiro”, em 1951.

Toda ciência tem seu objeto de estudo, o folclore também, trata-se do fato folclórico. Está presente em todos os níveis sociais aculturados ou não, porque ele é a representação máxima do pensar, do sentir, e do agir do povo.

O folclore está na boca do repentista, dos brincantes do boi-de-reis, dos dançadores de coco de roda, na poesia popular, nas pastoras, no peneirado e no xaxado, no arrastado do forró e do samba, nos passos apressados do frevo, na gíria dos jovens, nas vendas de bilhete de loteria, nas bancas do jogo do bicho no interior, nos pára-choques de caminhão, nas portas dos circos, nas platéias mais sofisticada, nos negócios nas calçadas de seu bairro, enfim como afirma nosso Woden Madruga: “O folclore é tudo”.

E o folclore brasileiro? Ninguém melhor que o pesquisador Manoel Diegue Júnior para falar de suas origens, de sua formação, de seu desenvolvimento: “é a unidade entre o recebido e o espírito brasileiro que aqui se formou, ou mais exatamente, a personalidade brasileira, nascida na lenta elaboração dos séculos”. Dentro

do sentido nacional que os elementos foram tomados, surgiram formas regionais de apresentação, decorrentes, em particular das condições ecológicas, sociais, de formação das diferentes áreas do Brasil.

A diversidade de modos de vidas regionais é que permite distinguir um nordestino-grandense de um paraense, ou um amazonense de um pernambucano, é isto justamente que enriquece a cultura nacional, nascida do homem, da terra e da tradição. O homem, colonizador, disseminador, criador das almas populares. A terra, a natureza esplendida, um ar puro, propicia uma vida alegre e saudável. A terra, não no que recebemos mas no que se criou durante o processo de colonização como fator muito importante para a fixação da

mação, indispensável ao conhecimento das nações, na busca de um melhor nível de vida das populações, trazem em seu contexto um produto cultural conflitante com a realidade local.

Toda essa realidade aparente recebe o apoio incondicional dos meios de comunicação de massa, com sua rápida, confusa e desordenada penetração, por todo os recantos do país, constituindo-se no mal maior para a deformação da cultura brasileira.

Sabemos também que o intercâmbio de conhecimento entre os povos, foi sempre uma constante e necessidade como forma de evitar o isolamento das nações.

A cultura popular é o elemento que modera o processo cultural através do folclore, com seus instrumentos próprios e necessários para a manutenção da ordem cultural nacional, daí é importante o esforço permanente no sentido de preservar e revitalizar as tradições nacionais.

Uma pergunta: como se dá a valorização da cultura popular? A valorização da cultura popular se dá da seguinte forma: primeiro essa preocupação deve assumir aspectos de natureza prioritária nos programas governamentais, área da educação e cultura, e se possível em parceria com a iniciativa privada, priorizando a área da cultura, segmentos responsáveis pela formação das atuais e futuras gerações. E para apoiar esse trabalho, surge a Comissão Nacional do Folclore – órgão ligado à Unesco, cujas propostas deverão ser aceitas pelas instituições interessadas a desenvolver um trabalho amplo e sério na defesa de nossa cultura. Seria a realização de cursos, concursos, edições de livros, pesquisa, apoio a grupos folclóricos, música, artesanato, criação de bibliotecas e museus.

Se realizado um pouco dessas atividades já seria dada uma grande contribuição à cultura brasileira que precisa existir de verdade, em toda a sua fonte de inspiração do folclore.

Nenhum país deve estar livre das influências externas determinadas pela dinâmica cultural, o que podemos fazer é somar esforços para evitar essa ação destruidora e maldosa, objetivando uma dependência cultural dos países menos desenvolvidos, para com os mais desenvolvidos.

Nenhum país deve estar livre das influências externas determinadas pela dinâmica cultural, o que podemos fazer é somar esforços para evitar essa ação destruidora e maldosa, objetivando uma dependência cultural dos países menos desenvolvidos, para com os mais desenvolvidos.

Nenhum país deve estar livre das influências externas determinadas pela dinâmica cultural, o que podemos fazer é somar esforços para evitar essa ação destruidora e maldosa, objetivando uma dependência cultural dos países menos desenvolvidos, para com os mais desenvolvidos.

Severino Vicente
- Pesquisador da Fundação José Augusto



unidade cultural nacional, hoje violentamente ameaçada.

É preciso reconhecer a importância do folclore para a manutenção e a presença da cultura nacional. O folclore é uma ciência e como tal é a base natural para os fundamentos fisionômicos da cultura de qualquer país. Hoje é muito discutido, estudado, pesquisado, porque funciona como elemento de equilíbrio entre os diversos fatores que se entrelaçam no processo cultural.

Nos países em desenvolvimento (no caso do Brasil), essa preocupação aos poucos vem assumindo aspectos prioritários. Não poderia deixar de ser porque, no mundo globalizado em que vivemos, onde a tecnologia vem alçando os mais altos níveis, permitindo a imediata troca de infor-

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

4
Labim/UFRN

A dança do Espontão

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

5



O grupo trabalha com músicas regionais, algumas de sua própria autoria, dando preferência aos ritmos nordestinos tradicionais, como o xote e o baião.

Era uma meia lança de madeira usada como insígnia pelos sargentos de infantaria até fins do século XVIII, conhecida também como *spontons*, *esponon*, e, com uso igual, desde a Idade Média, em regiões da França e da Península Italiana.

No entanto o espontão também é conhecido como uma dança guerreira, especialmente na região Norte do país e no Estado do Rio Grande do Norte, particularmente na festa de Nossa Senhora do Rosário, nos municípios áridos do Sertão do Seridó, como Jardim do Seridó e Caicó.

A dança acontece da seguinte forma: um grupo de negros com espontões, uma lança e uma bandeira branca, percorre as ruas, ao som de três tambores trovejantes. O lí-

der do grupo é o portador da lança, denominado Capitão da lança e os espontões, em acenos guerreiros, demonstram coreografia dando saltos e recuos defensivos acompanhados dos tambores.

O folclorista Câmara Cascudo informa em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que presenciou a dança na região do Seridó, nas cidades mencionadas acima, como também em Maceió (AL), nos quilombos, na abertura da procissão da solene cavalcada que se exhibia.

Possidônio da Silva, 51 anos, coordena o grupo dos espontões em Caicó há mais de dez anos. Ele próprio fabrica os espontões, caixa, pífano e tambores, ressaltando que na complementação dos tam-

bores é usado couro de bode e amarrações de corda, as pinturas de todos os instrumentos são feitas com tinta a óleo.

O grupo trabalha com músicas regionais, algumas de sua própria autoria. Os ritmos mais usados são o baião, a marcha, o xote e o xaxado. Mas o coordenador ressalva: "o que pedir a gente toca".

A coreografia da dança é muito singular, exigindo destreza física, e guarda uma certa relação com os movimentos primitivos tribais, sincréticos.

No mês de outubro, na tradicional festa dos "Negros do Rosário", o grupo faz alvorada em frente à Igreja do Rosário, às cinco horas da manhã, e, em seguida, sai visitando casa por casa, bairro por bairro, per-

A dança dos espontões é conservada até hoje na tradicional Festa do Rosário, que movimentava o calendário religioso de Caicó



correndo toda a cidade, durante todos os dias do período da festa, a apresentação dura em torno de 10 a 15 minutos.

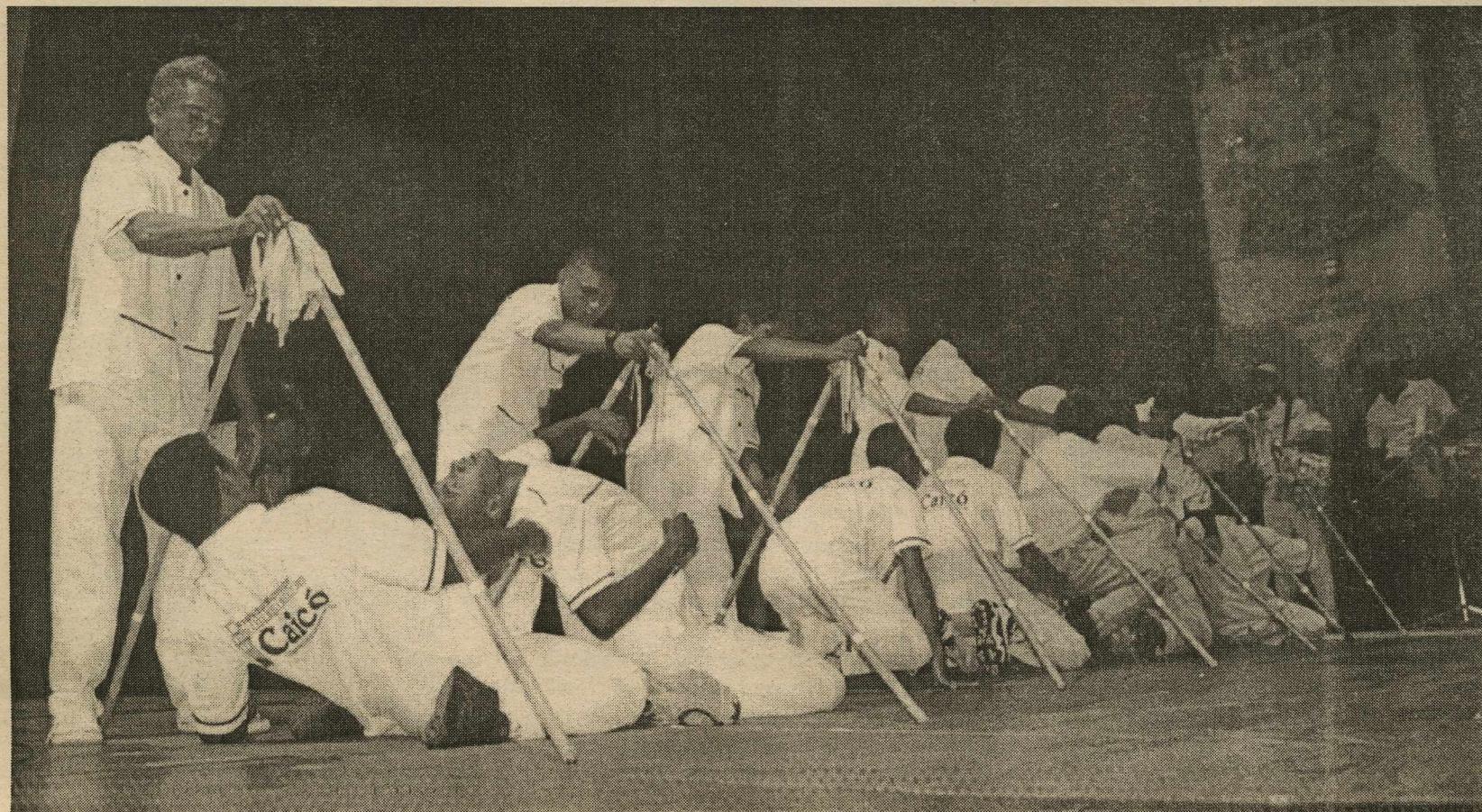
O grupo "Negros do Rosário", da cidade de Caicó/RN, surgiu no dia 16 de junho de 1771. O criador foi um senhor de engenho, que residia na fazenda "Samaú", município de Caicó. O fazendeiro convocou seus escravos que foram fabricando os próprios tambores, espontões, coroas e endumentárias para compor o reinado, como também as roupas dos dançarinos.

Por um longo tempo, o fazendeiro manteve o grupo, todos os componentes

eram escravos da fazenda. Todo o ano no mês de outubro, coordenava o grupo, convidava os vizinhos, demais senhores de engenho e outros escravos para sua propriedade e promovia o mês inteiro de festa para os negros. Nos últimos dias do mês, saíam em procissão com sua corte e reinado da fazenda até a cidade para as três novenas finais, após a novena os negros dançavam no pátio da Igreja do Rosário, em seguida guardavam os instrumentos na Igreja e voltavam para a fazenda; no dia seguinte mantinham o ritual de amanhecer na cidade, faziam a alvorada e depois to-

mavam café em casa de amigos que era considerado a sede provisória, depois do café começava a visitar casa por casa, até o final da festa ou seja o tradicional domingo de encerramento. O ritual é mantido até hoje.

Nas visitas, os dançarinos se divertem ao som dos pífanos e tambores, fazendo uma verdadeira farra, bebericando, cantando e louvando a santa.



O GALO
Jornal Cultural

VI Encontro de Cultura Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

As ruas e avenidas de Nova Natal

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

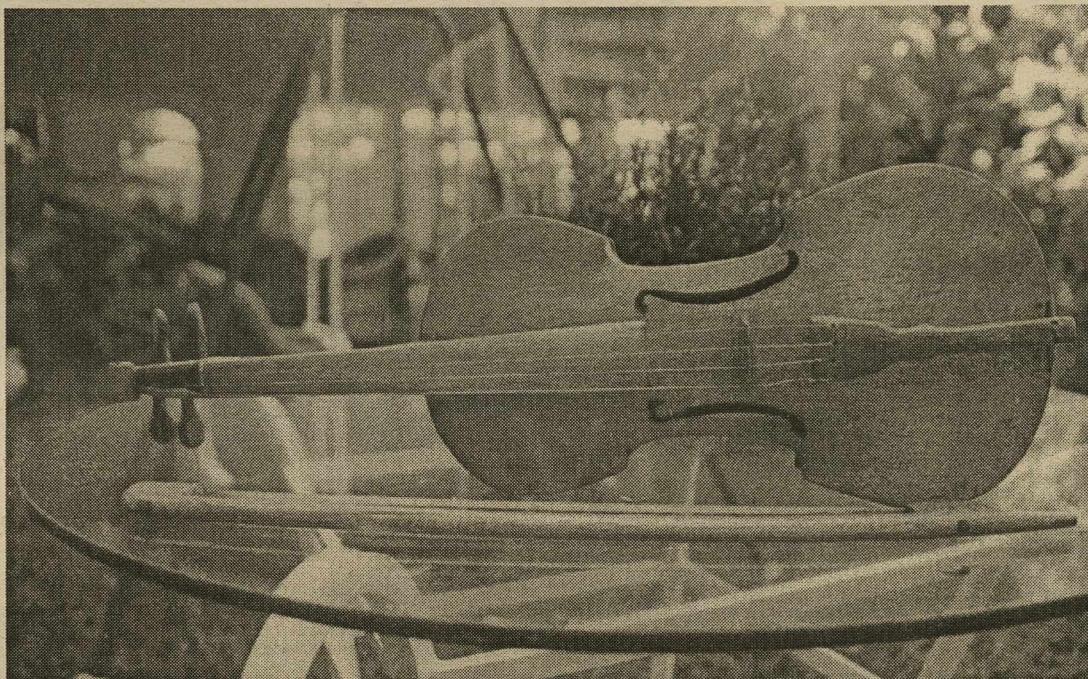
O conjunto residencial Nova Natal é um desmembramento do bairro Lagoa Azul, a partir de 1983, oficializado no dia 05 de abril de 1993. A Lagoa Azul é alimentada pelo riacho pajuçara, considerada uma área de lazer.

Nova Natal carrega ares da capital do país. – É um conjunto bem planejado, cortado por duas grandes avenidas: Chegança e Pastoril. As ruas no sentido Norte e Sul são denominadas pelas demais danças e as transversais Leste e Oeste são conhecidas pelas manifestações folclóricas e populares.

A princípio o conjunto foi habitado por diversas categorias de sindicalizados, como gráficos, comerciários, motoristas etc.

Cercado por dunas e lagoas, Nova Natal tem uma tonalidade de azul nobre, que levou os seus habitantes, pessoas simples, a concluir que teriam encontrado a terra dos seus sonhos. No entanto o conjunto não escapou do fantasma da violência e da má qualidade dos transportes públicos, ainda que a bordo do trem urbano. Mesmo assim, o conjunto tem algo de sonho, pois é o único da zona norte que dispõe de seis escolas e um teatro em plena atividade.

As denominações das ruas e avenidas



A rabeca, instrumento musical em forma de violino muito utilizado na música popular nordestina, é nome de uma das ruas no bairro de Nova Natal

são todas ligadas ao folclore e cultura popular, no total de 122. Onde podemos destacar: R. da Lapinha; R. da Rabeca; R. Fabião das Queimadas; R. Boi Surubim; R. Coco de Zambê; R. do Fandango; R. do

Forró; R. do Pastoril; R. das Bandeirinhas; R. dos Congos; R. do Lampião; R. Jesuíno Brillante; Av. da Chegança e Av. dos Caboclinhos. - A grande idéia veio do folclorista Deffilo Gurgel.

Segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, no Nordeste o cangaceiro é um criminoso errante, isolado ou em grupos, vivendo de assaltos e saques, perseguindo e sendo perseguido, seja pela polícia ou por outro bando do cangaço. Com a polícia luta até a prisão ou morte. Os tipos de cangaceiros são os mais variados, e diversos são os motivos que os levam ao crime. Registra-se desde uma tendência criminosa, a causas particulares, principalmente brigas entre famílias, sempre julgado no caso como punição justa.

Os cangaceiros têm ajuda de algum tipo de político ou pessoas a quem pagam para que os informem dos movimentos da polícia, que são denominados de os "coiteiros". O dicionário ressalta também que no cangaço há figuras de relativa nobreza, corajosos e incapazes de uma violência contra crianças, moças ou velhos, como é, por exemplo, Jesuíno Brillante – cangaceiro do século passado.

O pastoril é uma das danças mais graciosas dos folguedos populares no Nordeste



Jesuíno Brilhante nasceu em março de 1844 no Sítio Tuiuí, município da então vila, hoje cidade do Patú/RN. Era baixo, ombros largos, ruívo, olhos azuis, meio fanhoso e ficava gago quando estava zangado. Atirador incomparável de pistola e clavinote, lidava muito bem com a faca e sua força física garantia-lhe sucesso na hora do “corpo- a- corpo”. Ressaltando ainda que era bom nadador, vaqueiro afamado, sua pontaria infalível causava espanto porque manuseava com as duas mãos as armas, no entanto todas essas qualidades não impediu que a polícia, no comando do cabo Preto Limão(José), um dos inimigos tra-

dicionais da família, disparasse uma bala no braço e outra no peito do cangaceiro. - Morreu no Riacho dos porcos, município de Brejo do Cruz/PB em dezembro de 1879, no lugar chamado Sant’ Antônio.

Seu nome de batismo, era Jesuíno Alves de Melo Calado foi um cangaceiro gentil, bandoleiro romântico, espécie matuta de Robin Hood, adorado pela população pobre, defensor dos fracos, dos velhos, dos oprimidos, das moças ultrajadas e das crianças agredidas.

Sua fama ainda resiste, intocável, num clima de simpatia irresistível. Era o cavaleiro andante, sem medo e sem mácula, a

serviço do direito comum de todos os injustiçados. Jesuíno não roubava, e seu bando era rigorosamente vigiado para manter a norma, recebia o que lhe dava e as vezes pedia. O cangaceiro era auxiliado pela multidão de admiradores, nada lhe faltava e também tinha recursos de lavoura e gado. Lembrando ainda que Jesuíno tinha uma canção predileta – “Curujinha”- cantava cada vez que estava sendo atacado.

*Bebendo cachaça, caindo na rua?
Isto é bom, Curujinha!
Isto é bom!*

O “Congo” é uma manifestação folclórica com raízes africanas e européias



Lampeão

Virgulino Ferreira, mais conhecido como Lampeão, o mais famoso cangaceiro do Nordeste, nasceu no município de Vila Bela/PE, em 12 de fevereiro de 1900.

Aos cinco anos foi morar com sua avô dona Jacosa e seu tio Manuel Lopes. O tio o levou para escola aos dez anos, indagado se queria ser doutor, respondeu, que queria ser vaqueiro. Frequentou apenas três meses o suficiente para ler uma carta e responder outra.

Morreu na fazenda Angicos – sergipe/AL, em 28 de julho de 1938, com vários companheiros, inclusive sua amada Maria Bonita.

A cabeça de Lampeão e Maria Bonita, foram decepadas e conduzida como troféu. Sua saga está registrada numa vasta literatura, principalmente de cordel, no entanto toda essa literatura tem contradição, alguns transforma Lampeão num homem sanguinário e violento, outros o defendem como um justiceiro, que seguindo a linha do cangaço lutava contra a polícia e em defesa da honra.

Fabião das Queimadas

Fabião das Queimadas, nasceu em Santa Cruz/RN, 1848 e morreu em 1928. Escravo, comprou sua alforria e depois da sua mãe em seguida de sua sobrinha, com quem se casou posteriormente. Era tocador de rabeca e compunha versos, uma das suas composições mais conhecidas foi o “Romance do Boi da Mão de Pau”, originalmente com 48 estrofes, mas cantava outros versos também inclusive o “Romance do Boi Surubim”.

Seu romance foi registrado no livro do folclorista Câmara Cascudo – “Vaqueiros e Cantadores”, lembrando que o escritor Ariano Suassuna o recriou maravilhosamente, e o músico Antônio Nóbrega o interpretou magnificamente.

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

Zambê

O Coco de Zambê é uma dança de terreiro, de origem afro-brasileira, composta por três instrumentos percussivos: o Pau furado ou Zambê; a Chama e a Lata. Os dois primeiros, em madeira e couro percutido com as mãos, o terceiro em metal, utilizando-se de baquetas.

O Pau furado é percutido pelo mestre, e também tirador ou voz-solo dos cocos. Junto com a Chama, necessita de aquecimento para atingir um timbre próprio. Para isto, faz-se uma pequena fogueira onde os instrumentos de couro bovino, são aproximados do calor.

A roda é composta por 12 dançarinos, vestidos de bermudas brancas, descalços, idade não tem limite, o importante é saber "brincar". A dança é tipicamente masculina, com coreografias individual e coletiva, com exceção da dança única do *Cangaloê* que admite a presença de um par de dançarinos no centro da roda.

Ritualizando os instrumentos percussivos, o dançarino sob o canto-solo do coco e do coro de respostas, retorna ao lugar de origem no círculo. Antes, no entanto num gesto peculiar – a umbigada – sugere, a outro companheiro, ter o mesmo procedimento. E dessa forma, sucessivamente sem hora para terminar. O Zambê só se dança a noite, a Chama, com sua sonoridade peculiar, se constitui no próprio convite para que o público também participe da brincadeira.

Os cocos são variados, suas letras tematizam o mar, a fauna, a flora, o ciclo da cana-de-açúcar. Há quem identifique em algumas evoluções coreográficas, traços toscos da capoeira.

Fandango

O auto popular de origem Ibérica, é disseminado em todo o Brasil, no entanto sua denominação varia de uma região para outra. Nordeste e Norte é conhecido como fandango, no Sul e Leste é denominado marujada.

O enredo principal se desenvolve em torno da velha "Nau Catarineta" que sofre uma tempestade e vaga durante sete anos e um dia. Com o final da alimentação, a tripulação passa a comer sola de sapatos, através de um sorteio o comandante do navio é escolhido para ser transformado em forma de alimento para os famintos. Durante o momento da aflição acontece um milagre, a tripulação a vista terras de Portugal e Espanha.

O fandango era representado no período do ciclo natalino, os personagens vestidos oficialmente de marinheiros, cantando e dançando ao som dos instrumentos de cordas. Lembrando que em Portugal não há apresentação semelhante, ainda que uma boa percentagem seja de origem portuguesa, das narrativas marítimas. O que se conhece é um mosaico de temas organizado por anônimos.

No Brasil surgiu no século XVIII, e no Rio Grande do Norte no início do século XIX, onde registe um único grupo na cidade de Canguaretama, próxima a Capital. O comandante é o mestre Antônio Lima, que mantém a tradição do seu pai – Mestre Manoel Lima.

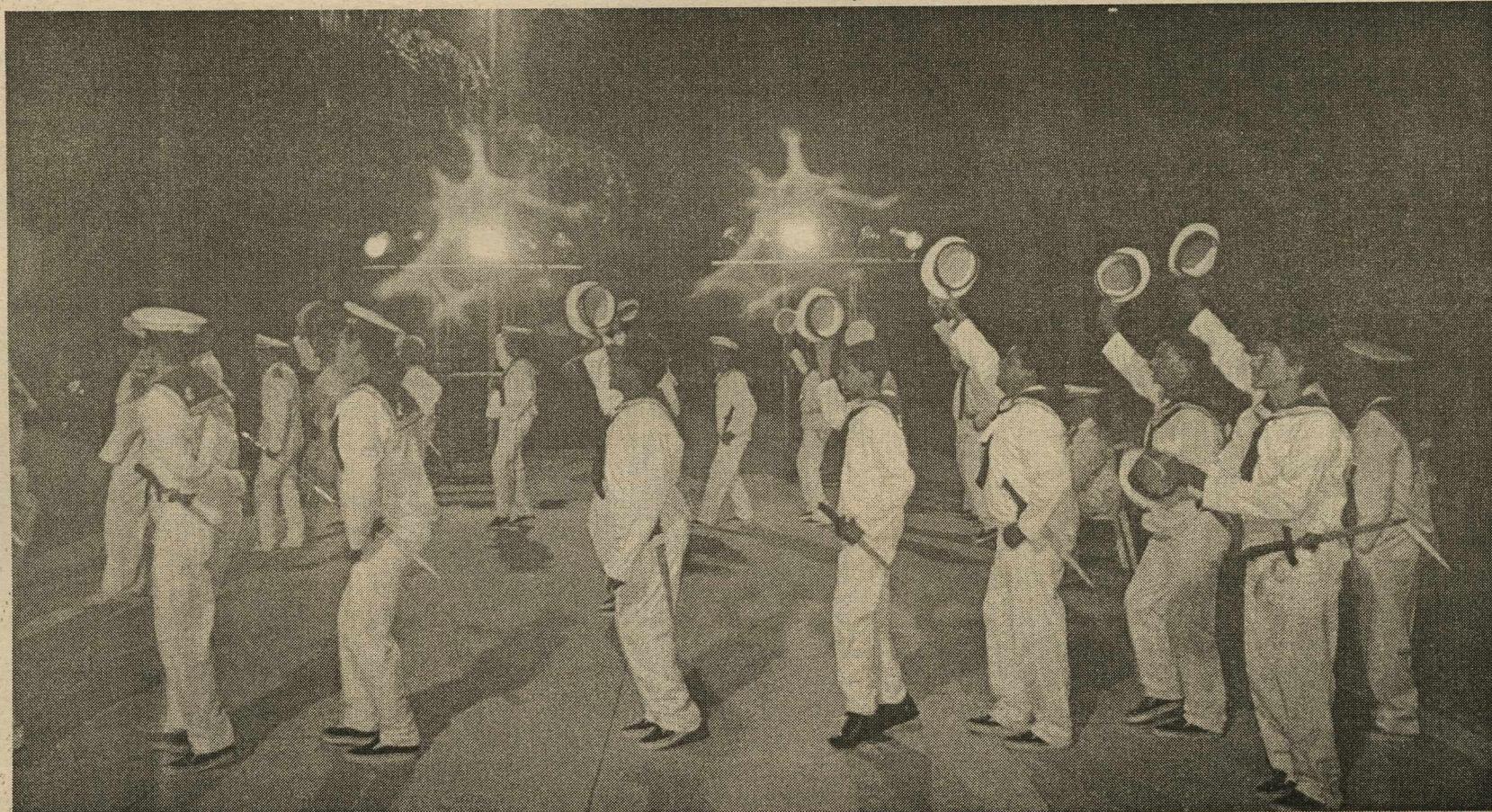
Chegança

Auto popular do ciclo das festas natalinas também conhecido como: Cristões-e-Mouros. Em Portugal era dança no séc. XVIII, proibida por D. João V em maio de 1745, sob pena de prisão ou no tronco. A dança era considerada extremamente lasciva e sexual, - "ancas contra ancas, peneirando-se, coxas contra coxas", no entanto a dança se tornou popularíssima e o povo cantava: *Já não se dançavam cheganças/ Que não quer o nosso rei/ Porque lhe diz Frei Gaspar/Que é coisa contra a lei.*

A chegança é representada como cenas marítimas, culminando pela abordagem dos mouros, que são vencidos e batizados. Os episódios mais curiosos são a descoberta do contrabando dos guardas-marinha, as lutas e brigas entre oficinas, a tempestade, as canções líricas, etc.- como também quadrinhas populares.

No Estado da Paraíba, a chegança é conhecida como: barca. A chegança no Rio Grande do Norte, teve sua primeira apresentação em 18 de dezembro de 1926, no teatro Alberto Maranhão, que ainda era conhecido como Carlos Gomes, e posteriormente foi apresentada também no bairro das Rocas, no entanto ainda que popular, mas não tem a tradição do fandango e do bumba-meu-boi.

"Fandango" é uma manifestação de origem ibérica e disseminada em todo o Brasil, cuja denominação varia de região para região





"Coco de Zambê"
de Tibau do Sul

Pastoril

Cantos, loas, louvações, entoadas diante do presépio no noite de Natal, aguardando a missa de meia-noite, representando a visita dos pastores ao estábulo de Belém. É assim o Pastoril.

Esse auto popular é de origem portuguesa, sendo a versão mais conhecida apresentada da seguinte forma: as pastoras são divididas em duas filas paralelas, uma chamada de cordão azul e outra de cordão encarnado. À frente dos cordões se encontram a mestre e a contra-mestre. Entre os cordões dança a "Diana" (mediadora das rivais), vestida das cores azul e encarnado, enquanto o palhaço é o responsável pela transformação do sagrado para o profano.

No passado, as apresentavam do Pastoril sempre aconteciam no período natalino.

Bandeirinhas

Essa dança se apresenta em evolução entre alas. As coreografias apresentadas são acompanhadas de cantos de louvor a São João, São Pedro e a Nossa Senhora Santana, fundindo o sacro com o profano.

Ao final o grupo conduzindo uma bandeira de São João Batista canta seguindo o cortejo pelas ruas da cidade, até chegar ao rio mais próximo, onde já é madrugada e realiza o tradicional banho. Após o ritual, todos voltam para suas casas, onde dançam especialmente forró até amanhecer, lembrando que todo o ritual é acompanhado de queima de fogos, produzindo um belo show pirotécnico. No do Rio Grande do Norte, sobrevive um grupo na cidade de Touros, único em atividade no estado, registrando uma tradição centenária. — A mestra do grupo é Josefa Odete de Melo, mais conhecida como "Dona Fininha".

Congos

Manifestação folclórica que surgiu no século XVII, com raízes africanas e uma forte influência européia, maior ou menor, dependendo da região ou do estilo.

No país, são cinco "tipos" básicos de congos, com subtipos. No Rio Grande do Norte há um modelo que narra a desavença entre a Rainha Ginga e outro reinado africano, o Rei Cariongo — tema central — apresentado no Estado sob duas formas (os subtipos): congo-de-guerra (também chamado congo-de-calçola ou de caixa) e congo-de-combate (congo-de-saiote ou de-rabeca), que se diferenciam nos trajes, instrumentos, ritmo, modo de dançar, no entanto com o mesmo tema central de dramatização.

Os congos eram encontrados no Rio Grande do Norte nas zonas litorâneas e da Mata, entre Goianinha e Rio do Fogo, segundo uma pesquisa entre 1992-98, identificando trinta grupos, hoje reduzidos apenas três.

O auto também é conhecido nos Estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná; lembrando que também já foi muito reduzido o número de grupos que exploram esse gênero de espetáculo.

RABECA

É um instrumento musical em forma de violino, de timbre mais baixo, com quatro cordas e friccionadas com um arco. Antigamente, as cordas eram de crina e untada no breu.

O instrumento tem uma sonoridade melancólica e rouca. Quando é tocado nos agu-

dos, torna-se estridente. A posição de uso é na altura do coração ou no ombro esquerdo, sempre com a parte superior voltada para baixo. A rabeca é de origem árabe, inspirada em um instrumento anterior chamado viola-de-arco, preferido pelos trovadores da idade média.

André resiste com sua rabeca

José André Sobrinho, nasceu na localidade de Varzêa Grande, município de Santo Antônio do Salto da Onça-RN, em 27 de outubro de 1942.

Tradicionalmente os rabequeiros descobrem a arte logo quando criança. Com André não foi diferente. Por volta dos dez anos de idade conseguiu sua primeira rabeca.

Filho de agricultor e sobrevivendo do muito pouco que podia tirar da terra, André não tinha como se alfabetizar e tampouco conseguir uma rabeca bonita dessas que se encontram na cidade. No entanto, isso não foi obstáculo para que o artista desenvolvesse seu talento. Severino Laurentino, um amigo da família, lhe fez uma rabeca de "catemba" de coco, mesmo a contra-gosto de seu pai, e depois ele próprio fez uma de lata.

Como a maioria dos rabequeiros, André também tem o ofício de carpinteiro, marceneiro, no entanto o que o diferencia dos demais é o fato do artista habitar um mundo à parte, todo seu, de onde não costuma sair a não ser quando desliza o arco pela rabeca, de onde extrai músicas que "ouve" no seu mundo particular. Seu olhar é distante, tem um jeito acanhado e as vezes tímido ao falar, sempre prefere agradar e comunicar-se através de seu instrumento. Demonstra prazer ao desenrolar a rabeca buscando um gesto de carinho dos ouvintes.

Por trás do andarilho mal vestido existe um artista popular, que não é reconhecido como tal. Em vez dos aplausos, muitas vezes é ridicularizado. As pessoas habitualmente têm dificuldade para entender um artista que foge aos padrões costumeiros e dão pouca importância ao "visual". - O diferente é excluído, relegado à marginalidade, e só para lembrar o poeta maior da Bahia, "ninguém de perto é normal".

A humildade do artista o leva a sobre-



André, um rabequeiro andarilho de Natal que ainda não foi plenamente reconhecido como artista popular

viver de um trocado ou outro de quem é tocado pela solidariedade humana e de poucos que têm a sensibilidade de perceber o valor de um rabequeiro e uma rabeca. - Afirma: "gosto de todo mundo, se não bulir comigo, tudo bem".

Na Sorveteria Tropical, localizada na Av. Prudente de Moraes, ele adoça os ouvidos de quem não vê um sorvete apenas como uma bola de açúcar misturado com polpa de fruta.

André já andou pelos mais variados lugares, do antigo mercado do Centro ao "Farol Bar" na Praia do Meio, já animou casamento, boi-de-reis... Quem não lembra de André com sua rabeca? - Ele afirma que toca onde for convidado.

O artista é versátil, além da rabeca seu instrumento preferido, também toca sanfona e realejo; diz ainda que não tem música preferida, "o que pedir eu toco". Seu repertório variadíssimo inclui frevos, xotes, forrós, xaxados...

Uma das peculiaridades do artista é o detalhe irônico e crítico, quando está tocando e cantando e alguém discorda da escolha da música. Ele faz uma pausa e replica: "De besta!" - Isso acontece mais com as músicas de "dor de cotovelo".

O rabequeiro reside na companhia de sua mulher na rua Antônio Felix, no bairro Mãe Luiza; de oito filhos morreram dois, mas nenhum os ajudam. Mesmo assim, diz que: "com fé em Deus não morre de fome". - José André Sobrinho já faz parte da história da cidade de Natal.

Labim/UFRN

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

A Rainha da Ciranda

«Estava na beira da praia, ouvindo as pancadas das ondas do mar, essa ciranda quem me deu foi Lia, que mora na Ilha de Itamaracá»

Estes versos tão conhecidos, cantados e dançados por gente famosa e por gente anônima são de autoria da pernambucana Maria Madalena Correia do Nascimento, em parceria com a capixaba Teca Calazans. Mas quem é Maria Madalena? Maria Madalena é ninguém menos do que Lia de Itamaracá, a “Rainha da Ciranda” – como

ela mesma se define em entrevista pelo telefone (confesso que fiquei emocionada).

A definição, a princípio, pode parecer excesso de vaidade, no entanto revela a consciência de uma artista consciente de seu valor. Afinal, como não se deixar envolver pela sua ciranda? Quem já viu, ouviu e dançou ao canto poderoso de Lia saberá entender a “vaidade” da artista. Lia é uma bela negra, 56 anos, 1,80 m, sorriso largo e simpático, que nos alegra ao cantar a mais famosa ciranda do Brasil. Nem de longe se imagina que ela já cantarolava na frente do fogão preparando comida para 200 crianças da escola pública do bairro de Jaguaribe.

Em recente entrevista ao jornal “Notícia, Opinião e ponto (no.)”, observamos alguns trechos da entrevista Lia fez algumas revelações sobre sua carreira. Pinçamos daí alguns trechos:

“Quase 40 anos depois, é difícil encon-

trar alguém que teve infância no início dos anos 70 e não seja capaz de reconhecer letra e melodia da cantiga de roda. Poucos, infelizmente, já tiveram o prazer de descobrir que a Lia de Itamaracá da música que a professora ensinou não é uma lenda. “Tem muita gente que pensa que eu não existo”, lamenta ela”.

A presença da rainha, sua aura, nos revela que de fato Lia sabe reinar naturalmente, não aprendeu, nasceu, sabe ser; deixa todos emocionados e seduzidos pela sua beleza e magnitude. - Ela diz que: “aprendeu a cantar e dançar ciranda com o mar”, este casamento com o mar já trouxe muita alegria, força e realeza para a cultura pernambucana e como também para todo o Brasil.

Lia nasceu Na Ilha de Itamaracá, próximo a Recife, o nome artístico foi oficializado no dia 12 de janeiro de 1944. Começou a cantar desde cedo, aos 12 anos de

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

Lia no Forte de Itamaracá



Lia no barco em Itamaracá



idade já puxava cantigas nas brincadeiras de roda com a meninada.

“A pesquisadora e cantora Teca Calazans, ficou encantada com o jeito afro-brasileiro da cirandeira. - Segundo Lia, compuseram a mais cantadas das cirandas na beira da praia de Jaguaribe(PE). Lia afirma que também nunca recebeu tostão pela parceria com Teca Calazans. As duas só se reencontraram em 1998, num festival de música em Recife. “Não culpo a Teca, foi por causa dela que fiquei famosa. Mas me dói pensar que eu fui a única pessoa que não ganhou dinheiro com a minha ciranda”, diz Lia. A cirandeira não tem qualquer registro da música, gravada a partir dos anos 80 por Clara Nunes, Ney Matogrosso, Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Morando em Paris há nove anos, a cantora Teca Calazans não confirma nem desmente a versão de Lia sobre a parceria. “É possível que nosso encontro tenha acontecido da maneira como ela conta, mas não garanto. Fazem muitos anos. Gravei dezenas de cirandas que nunca assinei como minhas porque esse tipo de música acaba caindo no domínio público mesmo. Por isso, assinava pesquisa e adaptação Teca Calazans. Mas se Lia está dizendo que a ciranda é dela, é dela”, avaliza a cantora. Teca diz que compreende a insatisfação de Lia. “Direito autoral não existe no Brasil nem para música convencional, quanto mais para as folclóricas. Também nunca recebi nada pela ciranda”, diz Teca.

Mas nunca faltaram aventureiros para lançar mão da “Ciranda de Lia”. Antes do lançamento de seu LP, o pernambucano Baracho, outro cirandeiro famoso que agora assina várias faixas no CD de Lia, aumentou a polêmica num disco de 1972 em que assinava a autoria da música. “Perguntei como ele tinha cara-de-pau de pegar uma coisa que não era dele. Ouvi de resposta: “é pau, Lia. Agora já foi”. Pior que Baracho também não ganhou nada, não. Até já morreu”, conta ela.

A cirandeira ressurgiu, em carne e osso,

depois de anos de ostracismo, no CD “Eu sou Lia, Lia de Itamaracá”. Produzido pela gravadora pernambucana Ciranda Records o CD em que Lia interpreta 15 pot-pourris dela e de outros autores teve pré-lançamento em abril deste ano. Em menos de dois meses, com a repercussão na imprensa paulista e carioca, esgotou-se a tiragem inicial de duas mil cópias. Lia não gravava desde 1977, quando lançou seu primeiro e único disco em vinil. Do produtor pernambucano Fernando Borges, jamais recebeu um centavo. “Me deram 20 para distribuir e só me restou um que guardo como relíquia. Tentei cobrar do produtor mas era sempre barrada nas portas. Me diziam que seu Fernando não gostava de questão. Que era para eu ficar quieta porque do contrário não ia receber nada”, conta a intérprete e compositora. e disposta a resgatar todo o seu trabalho anterior e ainda enveredar por outros ritmos regionais.

Mas Lia não quer saber de revolver as areias do passado. A estréia em CD já rendeu não só vários convites para shows no Nordeste, Rio e São Paulo, como para apresentações na França e Alemanha. A megacadeia francesa de lojas Fnac, com sede em São Paulo, vai bancar passagens e estadia do grupo de Lia na Europa. Será a primeira vez que a cirandeira vai botar os pés fora do Brasil. “Já estou informada que Paris é muito bonita. Melhor, só quando eu chegar lá”, diz ela.

Até lá, Lia continua aceitando convites para shows pelo Brasil. Enquanto o sucesso internacional não vem, a renda das bilheterias é o que lhe resta para conseguir

os R\$ 10.800 que faltam para retirar da fábrica a segunda tiragem do CD. “Como tivemos muitas encomendas, mandamos fazer mais 3 mil discos, agora com encarte caprichado e apresentação do produtor musical Hermínio Bello de Carvalho, mas precisamos de patrocínio para pagá-los”, avisa o empresário pernambucano Beto Hees, responsável pela redescoberta de Lia e de outros

conterraneos como Dona Selma do Coco e o grupo indígena Flethxa.”

A cirandeira afirma com muita propriedade que a ciranda “é o folclore, é uma dança de roda, todo mundo dança, criança, jovem e velho, negro, branco, não tem preconceito, é uma dança bonita, maravilhosa...”. E quando é interrogada, quanto a sua participação no “VI Encontro de Cultura Popular”, responde satisfeita: “É muito importante, estou louca para que chegue o dia”.

A ciranda de Lia carrega um charme todo especial, é impossível não bailar com ela, contagiante e divertida; não se pode deixar de cirandar com Lia de Itamaracá.

Segunda Luís da Câmara Cascudo, a ciranda é uma dança infantil e traduzida também como samba no estado do Rio de Janeiro. Ele diz, ainda que sua origem é portuguesa, lembrando ainda que é um gênero permanente na literatura oral brasileira. - Quando criança quem não contou, brincou ao som desses versos entre outros mais ... ?

*Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar;
Vamos dar a meia-volta
volta-e-meia vamos dar.
E depois da volta dada,
Cavalheiro troque o par..*

.....

*Cirandeiro, cirandeiro ó
A pedra do seu anel
Brilha mais que do que o sol ..*

Caboclinhos

É um grupo fantasiado de índio, que utiliza pequenas flautas como instrumento musical. A “brincadeira” como também é denominada; antigamente tinha a tradição de percorrer as ruas nos dias de carnaval nas cidades da região do Nordeste.

O grupo executa um bailado primário e desenvolve os movimentos em espaços determinados onde a coreografia não permite improvisos. O ritmo da dança é marcado ao som da pancada das flechas nos arcos, a coreografia apresenta ataque e defesa, em série de saltos simples e trocés. Não há enredo nem fio temático o objetivo era apresentar a dança indígena aos brancos no passado, nos dias de festa militar ou religiosa.

Os caboclinhos são uma lembrança do antigo desfile indígena, usando o sopro e o ruído dos arcos guerreiros.

Câmara Cascudo, no seu dicionário do folclore, cita Rodrigues de Carvalho: “Entre esses folguedos típicos convém destacar os caboclinhos, restos de diversão indígena: dezesseis ou vinte figuras com o

rosto pintado a açafião, ostentando trajes de cores berrantes, com enfeites de espelinhos e penachos à cabeça, empunham seus arcos com flechas, que são manejadas ao som de um tambor e de uma gaita. Simulam um combate, como de tribos inimigas; e em plena luta surge o rei, de capa e espada, cortejado por dois curumins, na gíria do folguedo os perósmingus. Por entre as alas dos contendores, arrasta a espada, pronuncia uma catadupa de RR arrogantes, fala do seu alfange e do seu cutelo, ...”

Na cidade de Ceará-Mirim(RN), existe dois grupos de caboclinhos. O grupo mais antigo já foi visitado pelo escritor Mário de Andrade, por volta de ...

O segundo grupo é coordenado pelo Mestre José Anísio Silva, 54 anos, mais conhecido como “Zequinha”.

O Mestre começou a “brincadeira”, aos 09 anos de idade, e hoje está a frente do grupo coordenando 50 componentes, onde todos residem na mesma cidade.

Para se iniciar na “brincadeira” não tem

idade pode ser criança, adolescente e adulto, lembrando ainda que as mulheres também podem participar do grupo.

A indumentária se define da seguinte forma: os homens usam calça branca, camisa variando entre verde, vermelho ou amarelo; as mulheres se vestem de acordo com a cor da camisa dos homens.

A hierarquia do grupo é composta por: o chefe é o flautista; o matroá comanda; o guia puxa o grupo; o contra-guia ajuda; dois cordões; uma porta bandeira e as mulheres são puxadas pelo matroá, ainda que eventualmente participa um palhaço brincante.

As jornadas são sete, caracterizadas com nomes de tribo, ressaltando que a estrutura musical hoje usa apenas três instrumentos: gaita(Flautas?) e dois bombos. Não são mais usados bombos artesanais, e sim industrializados. Apesar das fantasias não ter acabamento refinado, são feitas de aves domésticas, o que proporciona beleza e refino artesanal. No entanto as flautas são fabricadas pelos próprios componen-

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000



Caboclinhos de
Ceará Mirim-RN

O GALO
Jornal Cultural

VI

Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

15

Caboclinhos de Ceará Mirim-RN

tes do grupo, e a madeira utilizada pode ser: peroba, piquiá ou jucá.

A apresentação dos caboclinhos varia de trinta minutos a duas horas. Uma das músicas tradicionais do repertório é a seguinte:

*Você me chama caboclo
Eu não sou caboclo não
Foi o sol que me queimou
Lá no alto do sertão
Olé, olé, olé, olá
Os caboclos pegam as flexas*

*Os caboclos pegam as flexas
Vai no campo guerreiar
Deixa a faca e punhá, bota a bala no borná
Olé, olé, olé, olá (bis)
Os caboclos pega a flexa (bis)*

*Nós somos caboclinhos da mata do Paraná
Estamos qui
Nome da vida
Para nos apresentar
Olé, olé, olé, olá*



Xexéu um canto ao amor a vida

A cultura popular nordestina é diferenciada e complexa e a cada dia mais vem se diversificando através dos tempos mediante o contato com outras culturas e nações. No devastado e isolado Nordeste, essa cultura adquiriu força e resistência, com estilo próprio e regional, mas entendida também como universal. A cultura popular é uma fonte que não seca, e se renova sempre.

Há quem diga que o conceito de cultura popular está longe de ser definido pelos estudos das ciências humanas. São muitos os seus significados e bastante heterogêneos e variáveis o que o tema sugere. No entanto já foi bem dito: “embora nos ensinam a ter um modo de vida refinado, civilizado e eficiente – numa palavra “culto” –

não conseguimos evitar que muitos objetos e práticas que qualificamos de “populares” pontilhem nosso cotidiano”.

O Nordeste oferece ao Brasil, alguns dos maiores artistas populares do Brasil. Não é possível denominar todos, nas mais variadas áreas das artes. – escritores, poetas, artistas plásticos, repentistas, brincantes etc.

Neste caso específico falemos de artistas genuinamente popular, nascidos no seio do povo, aplaudidos e amados pelo povo.

A escola literária e musi-

Xexeu
o poeta
romântico
- Santo Antônio-RN



cal do Nordeste vem desde Inácio da Catingueira, Fabião das Queimadas e Pinto do Monteiro, até chegar aos dias de hoje, com Ivanildo Vilanova, Oliveira de Panelas, Severino Ferreira entre outros; lembremos os cantores/compositores Alceu Valença, Vital Farias, Elomar e sua trupe. Da chamada “Poesia de Bancada”, podemos lembrar nomes como Leandro Gomes de Barro, João Martins de Athayde, José Bernado da Silva entre tantos outros.

Entre os tantos outros



O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

16

Labim/UFRN

O poeta
do equilíbrio
ecológico



podemos encontrar João Gomes Sobrinho, 62; viúvo e pai de 15 filhos,- porém mais conhecido como Xexéu. - Um pássaro que fica geralmente na bananeira e cujo canto encanta até os mais desencantados.

O cordel *A flor da mangueira rosa* narra sua vida. Vejamos um trecho:

*Lajes meu berço querido/
Abençoado torrão/ Que me deu inspiração/ Pra tudo quanto escrevi/ Agradeço o grande mestre/ Lá do céu ter me ensinado/ Fazer poema inspirado/ Da terra aonde nasci/ Agradeço o grande mestre/ Lá do céu ter me ensinado/ Fazer poema inspirado/ Da terra aonde nasci/ Quem vier nas lajes ver/ A lagoa e o serrote/ Que fiz o primeiro motel/ Com nove anos de idade/ Naquela mangueira rosa/ Foi a minha academia/ Nela aprendi poesia/ Na maior tranquilidade/ Aquela mangueira ali/ Representa um drama infindo/ O monumento mais lindo/ Que deste solo se ergueu/ Era no quintal da casa/ Que eu brincava diário/ Hoje demonstra o cenário/ Onde um poeta nasceu.*

Lajes é um município de Santo Antônio do Salto da Onça/RN. O menino trabalhava na agricultura com o pai. Cantava todos os versos que ouvia, autodidata, aprendeu ler e escrever com sua força e a boa vontade de quem passava e pedia que lhe ensinasse algumas letras do alfabeto. Foi a da carta do ABC, o livro que iniciou o poeta nas letras e leituras, e dessa forma começou a escrever versos no dia-a-dia.

Xexéu ainda não é tão conhecido como o genioso Patativa do Assaré, no entanto já foi considerado o Patativa do Rio Grande do Norte.

O poeta não nega a alegria de já ter dividido saraus no sertão na companhia de Patativa, Chico Traira, Antônio Dias e outros vates consagrados da poesia popular

nordestina.

Xexeu se adentra na compreensão da fragilidade humana, ama e sofre. Sua poesia é romântica e sábia; verseja os sentimentos mais profundo do homem, seja a dor, alegria, o dia-a-dia, a natureza, o sertão, o retirante a inspiração determina. Seu coração explode suas paixões em versos, narrando encontros e desencontros amorosos sem deixar transparecer mágoa ou ressentimento, como podemos observar: *Levei ela de corcel/ Na mais perfeita harmonia/ prá meu chalé no vergel/ Onde tudo é poesia/ Admirando a beleza/ Das coisas da natureza/ que deus do céu nos oferta/ Nesta paisagem florida/ Eu dei minha querida/ Meu coração de poeta.*

Parecia um um paraíso/ Esse refúgio da gente/ Pra completar tinha o riso/ Duma criança inocente/ No dia vinte de agosto/

*Quando o sol tinha se posto/
A morena delirou/ Quase morri de tristeza/ Quando ela de surpresa/ Foi-se embora e me deixou.*

A ela já perdoei/ Tenho meu perdão por certo/ Quem ama como eu amei/ Não guarda ódio secreto/ Sofri resignado/ Quando recordo o passado/ Sem primazia rival/ Ninguém vive sem problema/ Deste aqui fiz o poema/ O nosso encontro em natal.

*Se não fosse a poesia/
Que vejo no beija-flor/ O que era o que seria/ De um poeta sonhador?/ Fora da realidade/ Pensativo de saudade/ Peneiro apaixonado/ Tendo no peito uma lança/ e o beija-flor por lembrança/ Das emoções do passado.*

Da natureza, do pesado rojão da roça, o agricultor cultiva o alimento da alma e do corpo, a poesia vai brotando como água da fonte, o perfume da flor, o sabor da manga rosa e ainda a planta que ver nascer. Suas

mãos cava a terra seca e dura, sua imaginação voa, sua poesia embeleza, alegra a vida como a água a terra seca.

Seu dotor eu não desejo/ Sua mansão na cidade/ No meu rancho sertanejo/ Tenho mais felicidade/ Enquanto você assiste/ Aquele cenário triste/ Na sua televisão/ Eu contemplo a natureza/ Admirando a beleza/ Do autor da criação.

Quer ver poesia venha/ Na minha humilde palhoça/ Talvez até você tenha/ Orgulho de ver na roça/ Pé de milho pendoado/ Com uma boneca de lado/ Vestida em lindas roupa/ Sem costura nos vestidos/ De cabelinhos compridos/ A brisa dando massagem.

A Fundação José Augusto vem a cada ano editando a literatura do poeta, através do seu "Projeto Chico Traira", ligado ao CEPEJUL.

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

17

A literatura de Cordel no VI Encontro de Cultura

A literatura de cordel está ligada à propagação de histórias tradicionais, traduções de tempos antigos, que foi registrada pela memória popular. Suas raízes estão fincadas nos chamados romances ou novelas de cavalarias, ou ainda relacionada ao romanceiro popular, narrando o amor, a guerra, viagens, conquistas marítimas enfim as aventuras e desventuras da humanidade, que não estão só no passado, as narrativas também tematizam o presente, o dia-dia, fatos históricos e poesia erudita.

Antes do advento do jornal impresso a literatura de cordel era uma das principais fontes de informação, dada novidade levou o cordel a decair em Portugal. No entanto no Brasil continuou firme, mas veio o rádio e a televisão, o que trouxe dificuldades, pois o folheto não era confeccionado de forma instantânea como as notícias dos veículos de comunicação de massa, porém ainda insiste em resistir.

Os cordeis eram impressos de forma muito rudimentar, considerando-se mesmo precária, e vendidos nas feiras, nas romarias, nas praças ou nas ruas, lembrando que eram vendidos especialmente por cegos, a abaixo custo.

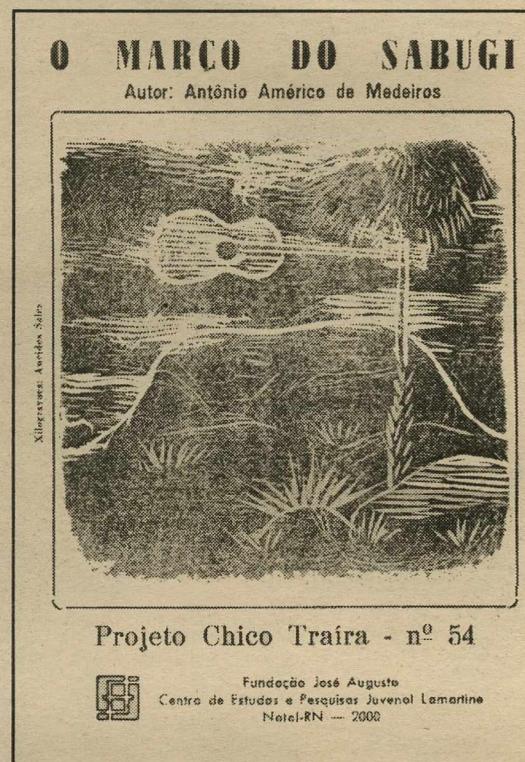
A expressão literatura de cordel vem de Portugal, e "cordel" é referenciado pelo fato dos folhetos serem presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição para serem vendidos, sinônimo também de "folhas volantes". – Na Espanha a literatura era denominada de "pliegos suetos".

No Nordeste a literatura de cordel chega no século XVI ou XVII, trazidos pelos colonos lusitanos, o romanceiro penisular. Considerado um lugar ideal, por desenvolver características próprias a este tipo de manifestação cultural, levando ainda em consideração as condições sociais peculiares. A formação social contribuiu para modelar esta fisionomia, fosse pela organização da sociedade patriarcal, as lutas de família, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros e também bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos entre outros problema, tornando-se a principal área de difusão da literatura de cordel e principalmente através das cantorias em grupo e de forma escrita.

O precursor da literatura de cordel no Nordeste foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1868 – 1918) com a tipografia, Silvínio Pirauá modernizou os versos passando de quatro para seis a conhecida sextilha, lembrando ainda João Martins de Ataíde que morreu a duas décadas, entre muitos outros. Ressaltando que uma característica singular dos autores para legitimar e identificar seu trabalho é escrevendo seu nome em forma de acróstico nos versos finais, artefato que na maioria das vezes passava despercebida do grande público.

Os folhetos eram impressos de forma muito rudimentar, considerando-se mesmo precária, vendidas nas feiras, nas romarias, nas praças ou nas ruas, lembrando que eram vendidos especialmente por cegos, a abaixo custo

A Fundação José Augusta dá continuidade ao "Projeto Chico Traira", lançando mais dez cordeis este ano, os temas sempre são os mais variados possíveis, como podemos observar:



"O marco do Sabugi" - Antônio Américo de Medeiros - São João do Sabugi/RN. Faz apologias a cidade.

Do São João do Sabugi
*Ouro branco e Ipueira
Eu comecei a cantar
Ali naquela ribeira
Com poetas dali
Nascidos no Sabugi
Assim fiz minha carreira
...
São João do Sabugi
Terra da minha saudade
E a Serra do Mulungu
Ao nascente da cidade
Em cima da serra está
Um marco que deixei lá
Como autoridade.*

"O misto" - Manuel de Azevedo - Santana do Matos/RN. Refere-se as lembranças de infância do poeta, quando na época o automóvel mais usado no interior do estado e outras regiões e de forma bastante diversificada, como podemos observar em alguns versos.

*Misto era 'mei' de transporte,
Que de tudo carregava,*

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

18 Labim/UFRN

“Projeto Chico Traira”,
há cinco anos encentivando,
pesquisando e editando
o cordel e apoiando os gravadores
no Rio Grande do Norte

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

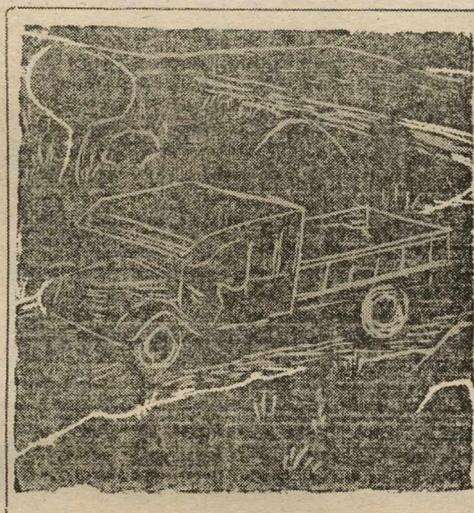
RN
NATAL

Agosto
2000

19

O MISTO

Autor: Manuel de Azevedo



Projeto Chico Traira - nº 55

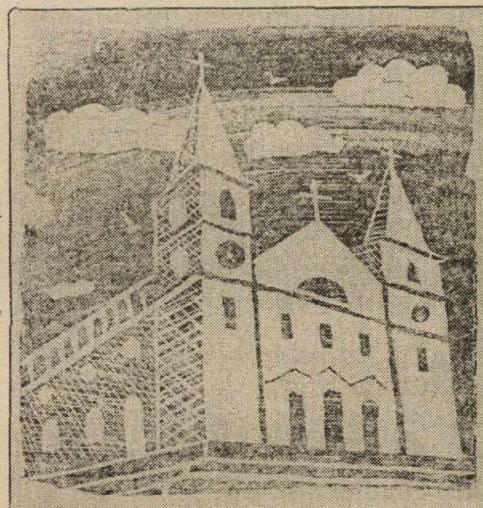


Fundação José Augusto
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenis Lamartine
Natal-RN - 2000

HISTÓRIA SOBRE CEARÁ MIRIM,

Voltando ao meu Serião, As Bravuras de Dandão e Mourão Voltado

Autor: Sebastião Silvestre



Projeto Chico Traira - nº 56



Fundação José Augusto
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenis Lamartine
Natal-RN - 2000

O SOFRIMENTO DE JOANA TURUBA

Autor: França



Projeto Chico Traira - nº 57



Fundação José Augusto
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenis Lamartine
Natal-RN - 2000

E que a gente viajava
Com bicho de toda sorte,
Com gente de sul e norte,
Com pano, perfume e enfeite,
Com fruta, verdura e leite,
Rapadura em um fardo,
E até mulher de resguardo,
No carro da minha vida,
Da minha infância querida
Lembrança que ainda guardo.

...
Orgulho era viajar,
Na boléia de um misto,
Só sendo um homem benquisto,
Pra seu leito ocupar,
Lá podia se avistar,
Magote de autoridade,
Os políticos, os Padres,
O Juiz e o delegado,
Num banco todo forrado,
Com estampa colorida
Da minha infância querida,
Lembrança que ainda guardo.

“História sobre Ceará Mirim” – Sebastião Silvestre – Ceará Mirim/RN. Esbanja seu amor pela cidade de origem.
Oh! Virgem da Conceição

Padroeira da minha cidade
Daí-me santa inspiração
Neste laço de bondade
Pra louvar Ceará Mirim
Onde o Frei serafim
Pregou sua santidade.

...
Quem vem à minha cidade
Verá que tenho razão
Pra falar com brevidade
Sobre a povoação
Será motivo de orgulho
Pois é em trinta de julho
O dia da fundação,

“O sofrimento de Joana Turuba” – Francisco Rafael Dantas (França) - Carnaúba dos Dantas/RN. Narra o sofrimento de uma mulher com a morte de seu marido.

A pessoa quando nasce
Traís o destino traçado
Pela Mão da natureza
O supremo advogado
Ordena um viver sofrendo
E outro menos castigado
...
Aconteceu numa feira

No povoado melão
Que matarão seu marido
Por vingança ou discussão
Com cinco ou seis peixeradas
Em cima do coração.

“O passado e o presente” – Cirilo Aureliano – Picuí/PB. Narra as facilidades e dificuldades do passado e do presente, num trocadilho carregando um certo tom de nostalgia.

Quem conhece sabe bem
Como foi antigamente
Do passado pra o presente
Grande diferença tem
Só Jesus e mais ninguém
É quem tem me ajudado
Vive sempre ao meu lado
Por isto eu vivo contente
Posso dizer no presente
Tempo bom foi o passado
Hoje a moça e o rapaz
Tem a plena liberdade
De andar pela cidade
Na ausência de seus pais
Não olha nem para traz
Vive despachadamente
Porque tudo é diferente

*“Se diz que é festa dos negros
Porque os negros é quem faz
Isto vem acontecendo
há muitos anos atrás
E vai continuar, assim
Não se acabará jamais”.*

*Não sendo iquinorado
Nunca gostei do passado
Tempo bom é o presente.*

“Minhas Histórias de infância” –
Damião Galvão – São João do Sabugi/RN.
O autor descreve seu tempo da juventude.

*Pequenas recordações
De um tempo que foi embora
Histórias do meu passado
Que o próprio tempo devora.
No despertar de um povo
Reluzindo nova aurora.*

...
*Naquela época não tinha
Essas bandas do estrangeiro.
Bom mesmo foi Nilton Dantas
E Antônio Limoeiro.
Tocando fole e sanfona
Triângulo, bumbo e pandeiro.*

“Festa dos negros do Rosário – Caicó/
RN” – Possidônio Silva – Caico/RN. O
cordel faz a descrição da história de um
grupo de negros que transformou uma festa
particular numa festa tradicional no mês de
outubro no Seridó.

Capital do Sertão

O PASSADO E O PRESENTE

e Nada Nada com Jesus
Autor: Cirilo Aureliano



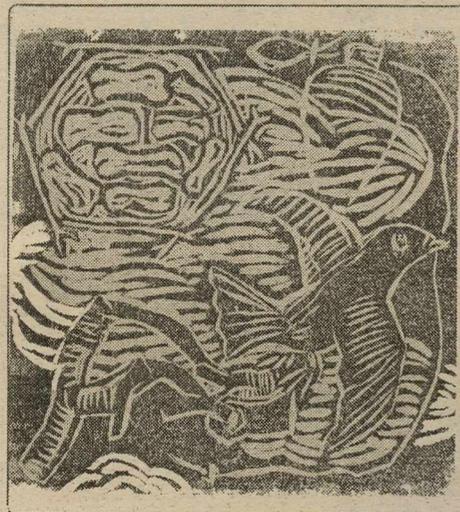
Projeto Chico Traíra - nº 58



Fundação José Augusto
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine
Natal-RN - 2000

MINHAS HISTÓRIAS DE INFÂNCIA

Autor: Damião Galvão



Projeto Chico Traíra - nº 59



Fundação José Augusto
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine
Natal-RN - 2000

*Existe uma irmandade
São os negros do Rosário
Com sua simplicidade
Todo ano fazem a festa
Alegram toda a cidade*

...
*Se diz que é festa dos negros
Porque os negros é quem faz
Isto vem acontecendo
há muitos anos atrás
E vai continuar, assim
Não se acabará jamais.*

“Chico Sombra de onça e a cobra da
cumbuca” – João Gomes Sobrinho
(Xexéu) Santo Antônio/RN. O poeta traz
uma narrativa misturando ludicidade, len-
da e realidade.

*Quando eu era menino
Nas lajes andava um freguês
Chamado Chico Targino
Que diversas vezes fez
Eu correr na capoeira
Igual um nambu pedrês.*

*Por Chico Sombra de Onça
Ele era apelidado
Suas características*

*Eu ainda estou lembrado
Alto, magro, feio e sujo,
De chapéu acanoado*

*Carregava uma cobra
Dentro de uma cumbuca
Escorado numa vara
Vê um toco de sinuca
Qui nem um abilolado
Que anda lé-lé daa cuca.*

*Fosse cobra coral
Ou cobra suçuarana,
Cascavel, ou jararaca,
Corre - campo, caninana,
A que ele carrega-se
Chamava por desumana.*

...
*Que ele era o papa-figo
A meninada dizia
Que ele agarrava o menino
Mais besta que não corria
Lascava o guri nas costa
Tirava o figo e comia*

...
*Deixa que Sombra de Onça
Não era o que nós pensava
Lobisomem papa-figo
Ele apenas engava*

FESTA DOS NEGROS DO ROSÁRIO - CAICÓ/RN

Autor: Possidônio Silva



Projeto Chico Traíra - nº 60



Fundação José Augusto
Centro de Estudos e Pesquisas Juvenal Lamartine
Natal-RN - 2000

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

20 Labim/UFRN

O GALO
Jornal Cultural

VI

Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

21

*“O pobre disse pra o rico
Tenha mais educação
Zeze mais seu moradores
Dê prova de bom patrão
Sou pobre mas na certeza
De que nunca fui ladrão”*



*E se tocasse por sorte
Achando fácil levava.*

“As seis Moedas de Ouro” – Antônio Francisco – Mossoró/RN. Conta as desventuras provocadas pelo dinheiro, a ambição e egoísmo ainda mesmo que seja numa tribo indígena.

*As cinco tribos viviam,
Numa aldeia grande e bela,
Os bairros iguais ao centro,
Sem resquício de favela
E a terra dividida,
Pra quem trabalha nela.*

...
*Mas numa manhã de sol
O filho do feiticeiro
Em vez de ir plantar flores
Foi pra casa do ferreiro
Fez seis moedas de ouro
E deu-lhe o nome de “dinheiro”.*

...
*Antes mesmo da primeira
Moeda cair no chão,
Já tinha um índio chamando
Outro índio de ladrão
E quatro índias brigando
Por um pedaço de pão*

*Quando a moeda caiu
Bateu num canto de muro,
Pegou num índio chorando
Com medo do futuro.
E noutro índio querendo
Emprestar dinheiro a juros.*

“Teima de pobre com rico” – Severino Inácio – Caraúbas/RN. É um tema bastante usado nas narrativas, sempre o poder do mais forte sobre o mais fraco, a eterna injustiça do homem.

*O rico disse ao pobre
Tenho fazenda e dinheiro
Viajo pra onde quero
Do Brasil ao estrangeiro
E pobre é como galinha
Nunca sai nem do terreiro*

*O pobre disse pra o rico
Tenha mais educação
Zeze mais seu moradores
Dê prova de bom patrão
Sou pobre mas na certeza
De que nunca fui ladrão*

*O pobre nesse momento
Ficou lembrando o passado
Foi lá na sua fazenda*



*Que fui nascido e criado
Com dez anos mais ou menos
Já corria a trás do gado.*

As xilogravuras dos folhetos trazem trabalhos dos respectivos artistas: Aucides Sales – Caraúbas/RN, professor de Educação artística, escultor entre outras artes, já participou de outros trabalhos e nesta coleção participa em dois; Assis Trajano – Ceará Mirim/RN, artista plástico nas abordagens de gravura, pintura em aquarela, azulejo e modelagem em papel machê também já contribuiu neste “Projeto”; Maria Célia de Albuquerque – Itabaiana/RN, participa pela primeira vez do “Projeto Chico Traíra”, desenvolve também trabalhos na área do desenho, pintura usando as técnicas aquarela e pastel seco; O artista plástico Flávio Freitas – Natal/RN, também participa pela primeira vez; João Natal – Natal/RN, é arte – educador e pintor, já participou outras vezes; Pedro Pereira – Passa-e-Fica/RN, também já ofereceu sua contribuição, artista plástico, utilizando-se mais do abstrato e impressionismo, usa aquarela sobre papel e tela, performático e poeta; Emanuel Amaral – Natal/RN, também já é conhecido do “Projeto”, Chargista, desenhista de estórias em quadrinhos, jornalista, pintor e folclorista; João Viane – Natal/RN, participa com dois trabalhos, é artista plástico, músico e arte-educador.



Axixá em Natal



Francisco Naiva
o mestre do Boi
do Maranhão

O bumba-meu-boi de Axixá, vem brilhar e bailar ao som do piston, clarinete entre outros instrumentos no "VI encontro de Cultura Popular". O Boi tem origem na cidade de Axixá (MA). Há cinquenta anos foi criado por Francisco Naiva, que está a frente até os dias de hoje. Os brincantes tem suas peculiaridades, entre um tom de orquestra e outro, duas bailarinas rodopiam e complementa a beleza do espetáculo.

A brincadeira já percorreu todo o estado do Maranhão como também as principais capitais do Brasil, sempre com convites renovados, sendo considerado um dos principais representantes da cultura popular do estado do Maranhão.

O Boi não só já encantou conterrâneos famosos como: Alcione e Zeca Baleiro. Zeca por exemplo o homenageia no CD "Vô imbolá" – participação especial na faixa dez com o título *boi de haxixe*, onde o

cantor define a composição em si como um bumba-meu-boi contemporâneo. Entre outros famoso, o brincante já conquistou também a baiana Maria Betânia, que gravou uma das músicas do repertório - "Bela Mocidade" do compositor Donato.

Na época dos festejos juninos no estado o Boi é esperado com muita expectativa, o grupo se apresenta com as roupas usados no período do ano que passou. Dia 23, véspera de São João e data que se comemora o batizado, daí estréia roupa nova. "A partir desse dia, tudo será renovado, desde o couro do Boi", afirma Francisco Naiva nome decisivo nesta manifestação da cultura maranhense. – O trabalho do Bumba se encontra em CD.

O bumba-meu-boi na região do Nordeste tem várias denominações, como: boi-calemba, boi, bumba, boi-bumbá e ainda boi de reis. O estudioso Renato Almeida define: "sob todas os aspectos, o bumba-

meu-boi é o bailado mais notável do Brasil" e Câmara Cascudo reafirma que: *é o mais popular na classe mais pobre, entendido e gabado ... os bumbas-meu-boi só exige um terreiro livre.*

O auto popular ou folguedo como também é denominado faz parte do calendário natalino que se encerra no dia de Reis (seis de janeiro). É um folguedo da praia e do Sertão, não tem um modelo fixo, o auto se modifica de região para região, alterando os figurante, episódios, curiosidades da localidade; no entanto o fio temático é um boi que dois vaqueiros guardam e um deles sacrifica num momento de raiva. Um doutor atende ao boi, dá-lhe uma *ajuda* (cristel), que é um menino agarrado entre os assistentes e passado entre os panos que cercam o arcabouço do boi. O bicho resuscita, dança mais uma vez e retira-se, segundo o dicionário do folclore Brasileiro – Câmara Cascudo.

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

22
Labim/UFRN

A Programação do Encontro

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

PROGRAMAÇÃO DO VI ENCONTRO DE CULTURA POPULAR

LOCAL: TEATRO ALBERTO MARANHÃO

DATA: 18 A 22 DE AGOSTO DE 2000 - Início: 19:00 Horas

O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

Sexta: 18

ABERTURA:
WODEN MADRUGA
- Lançamento de CD,
Cordéis e
jornal "O Galo"
Caboclinhos de Ceará-
Mirim/RN
- Dança do
Espontão, de Caicó/RN
- Lia de Itamaracá, PE

Sábado: 19

- Violeiros : Miro Pe-
reira x Onésimo Maia-
RN; Oliveira de Pane-
las x Ivanildo Vila
Nova-PE
- Zambê/ Tibau do Sul
- Malhação do Judas

Domingo: 20

- Boi-de-Reis - Pedro
Velho
- Araruna - Natal-RN
- Congos - Natal-RN

Segunda: 21

- Nazá x Chico do Pan-
deiro - emboladores-
RN
- Pastoril - São Gonça-
lo do Amarante-RN
- Fandango -
Canguaretama/RN

Terça: 22

- Boi Bumbá
de Axixá/MA

O CD do Evento

A Fundação José Augusto, através do seu Centro de Pesquisa Juvenal Lamartine, está lançando no "VI Encontro de Cultura Popular", um CD com dois grupos de dança: Espontão e Caboclinhos; a direção artística do trabalho é do coordenador do centro - Dácio Galvão. O CD resgata e registra a beleza do nosso folclore e da nossa música.

A dança do Espontão traz o estilo de Ednaldo José, um músico jovem e descontraído, que utiliza o pífano, como instrumento solo que valoriza todo o sincretismo da dança, atingindo o ponto máximo do CD quando executa o hino de Nossa Senhora do Rosário, lembrando também a importância dos demais músicos como: Jean Fábio,

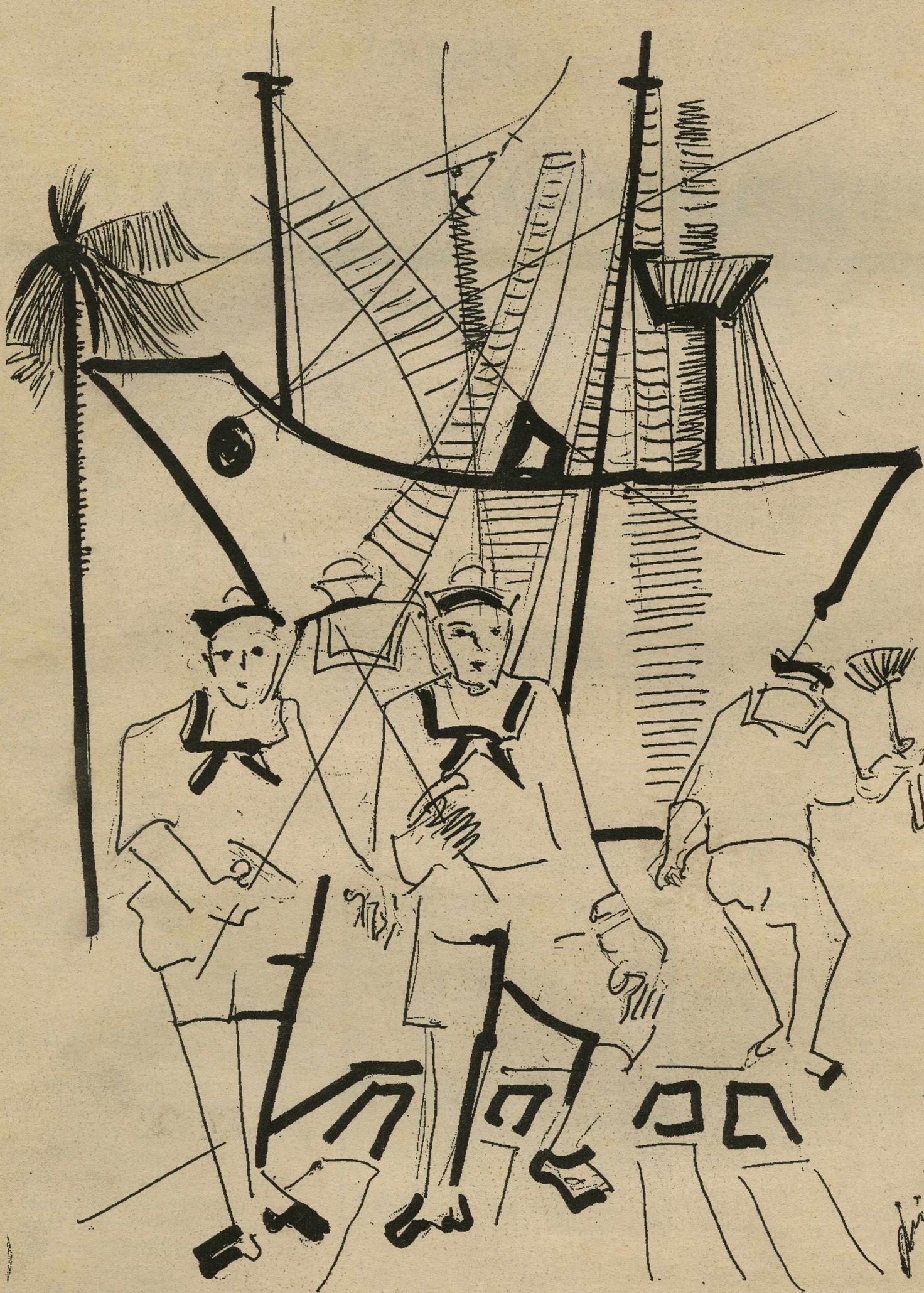


Bonifácio José de Andrade, José Batista de Araújo e Francisco Batista de Araújo - caixa; Erobaro Sabino Neto - pandeiro.

Os títulos das composições são denominadas por Ednaldo José, caracterizadas pelo improviso, acompanhando temas bastantes sugestivos, por exemplo: Baião dos Espontões, mamão com leite, peneiradinho, baião dos negros, feijão de corda, apressadinho, Zé de Naná, Alvorada e muitos outros, não esquecendo o Hino de Nossa Senhora do Rosário, no total de 22 composições.

Quanto aos Caboclinhos sua estrutura musical está definida por jornadas, da primeira a sétima, tendo a seguinte sequência: Primeira forma; Capão; Baião; Guerra; Lançadeira; Parte do cipó e Despedida.

Os músicos são: o Mestre José Anísio na gaita; Edilson Florentino e Dedé Prego nos Bombos.



O GALO
Jornal Cultural

VI
Encontro
de Cultura
Popular

RN
NATAL

Agosto
2000

Handwritten signature and date: 2000

FANDANGO OU CHEGANÇA